

Maria, agora e para sempre.

Zodíaco

Apresentado por

Meu Lado Poético 



Dedicatã³ria

Para maria rita

A dor mais profunda e insuportável que já senti. Mesmo assim, a dor que meu coração guarda feliz, talvez eu seja um masoquista ?! Ou apenas uma forma de vida carente e incompleta, totalmente incapaz de ser minimamente feliz sem minha doce maria. Não sei se um dia chegará a ler isso, apenas escrevo para aliviar um pouco o tormento que é a sua ausência. Eu sempre a amarei e isso provavelmente acabará com todas as possibilidades de ter uma vida feliz, mas não importa. Às coisas são assim, e as aceito como são.

Agradecimentos

Grato a força que rege o universo por permitir que eu conhecesse maria.

Sobre o autor

Ninguém relevante o suficiente para fornecer alguma informação específica.

resumo

Degradação de um anjo

Maria, Dor e poesia..

A noite que veio depois de maria

De olhos exaustos

Mórbida consciência

Minha doce maria

Todos os dias

O profeta da fome

Versos a um miserável

Sou eu

Dualidade

Todo dia a mesma rima

A noite a beira da eternidade

Um lugar em silêncio

A beleza de tudo

Eis me aqui...

O que se faz querer sempre

A angústia de estar vivo

A tirania dos versos

A consciência á deriva no cosmos

Então houve luz

Epitáfio

Fé e martírio

Velho amigo

A sombra de tudo

Agonia de quem escreve

Degradação de um anjo

Malditos olhos que me cortejam
As ruínas, os fragmentos e os vestígios
Restos mortais de quem pensava estar vivo
Insaciáveis nuvens cinzas lacrimejam
As lágrimas que caem e me beijam
E assim sinto um desprezo Divino !
Universal e absoluto como antimatéria
Trago uma sina na riqueza e na miséria
Eis aqui, a solidão de um assassino
Acusam os filósofos de ser o destino
Mas como os anjos que caem e se desgraçam
Outrora eu também contemplei o paraíso
Perdi as minhas asas e o dom do sorriso
Ressurgindo para cair, sombras me abraçam
As memórias são feridas para eternidade
Somente uma vez amei, e amei de verdade
E o "Amor" o guia dos poetas para morte
Me tirou a solidão me seduzindo com esperança
Para sempre sem saber, torna-se vingança
Rastejei pelo escárnio como verme escariote
Eis o monólogo universal do egoísmo
Finco aqui meu testamento sem herdeiros
Infinitamente da solidão o hospedeiro
Matéria escura factual do pessimismo!

María, Dor e poesia..

O céu coberto
De nuvens cinzas
Porém deserto
De alegrias
Está aberto
A tristeza
O frio inverno
Se intensifica
O silêncio eterno
É triste e fica
E o olho aberto
lacrimeja
O amor perene
María rita
Na escuridão se rende
E não cicatriza
E o coração que agoniza
Mesmo assim te beija
Um sonho incerto
Tive um dia
Senti seu eco
Sem melodia
E talvez seco
Agora esteja!
O mundo liberto
De idolatria
Longínquo e perto
Com harmonia
E com poesia
A vida reina

A noite que veio depois de maria

*Cai a noite, coração e lágrimas
Morre a noite, sorrisos e sombras
Sangram os sonhos nas margens da insônia
E a tristeza abraça todas as almas*

*Cai a noite, o perdão e o mundo
E o seu adeus se perpetua no agora
Estou te perdendo hora após hora
E sorrindo enquanto me destruo*

*Cai a noite, a noite mais longa e triste
Senti uma sombra se aproximar chorando
Vi no espelho o "lamentar" de um anjo
Há somente o agora e nada mais existe*

*Cai a noite, a chuva e o desespero
E nada detém meus vagos desejos
Pecar, mentir, o martírio e o beijo
Cai a verdade no ato derradeiro*

De olhos exaustos

Entre lágrimas e rimas
A mão escreve mentiras
Delira imersa em poesias
Mas a noite a incrimina

Entre o silêncio e o sono
Há um poeta quase morto
Acordando entre um pesadelo e outro
Sentido no frio, o abandono!

Como café a esperança esfria
Mas esperar tanto, o tempo condena!
A imensa agonia se torna efêmera
Quando ausência é tudo o que sentia

Ah mas a noite parece ser infinita
Como toda essa melancolia!
talvez todos esses versos um dia
Possam encontrar Maria rita.

Mórbida consciência

*A lágrima na face do corvo
É a mesma que escorre na epiderme
A carne morta que alimenta o verme
O verme maldito que me devora o corpo*

*O aço frio da faca que não corta
como a natureza hostil de uma alma já morta
Mesmo sem o corte, é nocivo e fere
E como a noite, meu poema vil escurece*

*Nele, registrei um pesadelo
Sendo vazio e medonho, não há porquê lê-lo
Sob minha égide, meu poema existe!
Minha abominável criação, e só em mim reside*

*Há em cada rima partes do inferno
Me foge a visão, tudo que é eterno
Ser "finito" me parece mais fácil
No fim, é apenas meu epitáfio*

Minha doce maria

*Não chore pelas afiliações do mundo maria
Pois o mesmo, da tua empatia não é digno
És tão verdadeiro quanto a influência dos signos
E por nenhuma das tuas dores, o mundo choraria*

*Não permita que a solidão se sinta acolhida
Tu que na angelical ternura eu defino
Das variações todas do destino
Foste o amor sublime que encontrei em vida*

*Perdoa quem te fere, esqueça as feridas
Há um anjo que derrama lágrimas em teu nome
A tristeza estará cada vez mais longe
E da solidão, não serás mais vítima!*

*Em algum lugar dos teus olhos maria
Há uma criança vivendo livremente
Acreditando que os sorrisos são para sempre
E para sempre, para você, eu sorriria!*

Todos os dias

*Todos os dias algo fica para sempre
Nas margens do aqueronte deixei minha sede*

*Pelos seus lábios, contemplei o inferno
Do ápice do gozo ao sofrimento eterno*

*Jazia meu espírito num mar de vaidade
Em seus olhos, deixei minha humanidade*

*Nossos dedos se entrelaçam em gestos sutis
E morrem todos os medos em abraços gentis*

*Talvez o universo tenha um motivo
E na profunda tristeza haja um sorriso*

*Até mesmo no sofrimento pode haver beleza
Em nenhum momento haverá certeza*

*Sermos incertos, inconstantes, incompletos
Nos une, nos pune, por todos os séculos*

*sempre distantes e as vezes tão perto
Ironicamente é o amor mais sincero*

*Todos os dias algo encontra o fim
Maria sempre será uma parte de mim*

*Uma parte minha que nunca terei
A vida sonhada que não viverei*

O profeta da fome

*A mercê de dias enfermos
O ódio que fere tens ímpeto
Um mal na pele intrínseco
O caos no centro a esmo*

*O cinzento luar sem brilho
Sofre em seu silêncio pacífico
Emite sussuros líricos
E revela seus delírios*

*Em todo coração narcísico
O mal que existe é físico
E de corpos humanos se apodera*

*Destrói crenças antes irrefutáveis
Com mentiras brandas miseráveis
Em sua universal fome etérea !*

Versos a um miserável

*Outrora por amor fui cego
Outrora sem pudor fui servo
O anseio que me tinha como escravo
Como um cão leal miserável
Era também senhor dos meus passos*

*E o lamento que se convertia em poesia
Transformava minhas noites em agonia
Te fazia uma necessidade urgente
O sangue da minha alma escorria
De uma pele já morta e fria
Era o cadáver de um amor deprimente*

*Entre danças, mentiras e beijos
Aqueles noites duraram milênios inteiros
O seu sorriso, nunca mais quero vê-lo
Nem seu corpo, nunca mas senti-lo
E ao coração, pretendo esquecê-lo
Pois minha alma já perdeu seu brilho.*

*Sim, sou um mentiroso compulsivo
Em outras palavras, um poeta legítimo
Quem dera odia-la e esquecê-la
Que meu coração não a tornasse perfeita
Para mim, instável, inconstante, insólito
Maria declama um longo monólogo.*

Sou eu

*Um grito para ouvidos surdos
Um Cristo para o pior dos mundos
E um beijo para o coração sem alma
Sou eu, no meu esforço último
Sustentado pelo orgulho fútil
Tentando te curar a mágoa*

*O homem desprovido de forças
A refeição refém das moscas
Como um rei de um reino sem servos
Um belo semblante a olhos cegos
Sou eu, refletindo nas horas todas
A finalidade do valor nas coisas*

*O coração que bate em desespero
Destruindo a alma por inteiro
Porquê ama e não é amado !
Sou eu, ansiando por Maria Rita
Amaldiçoando minha sina maldita
Todo dia, um poema amargo!*

*Talvez o dia seja uma miragem
Ou apenas me falte coragem
Para aceitar a brutal verdade
Minha paz será sempre longínqua
Da tristeza a poesia infinita
Quisera que maria fosse fictícia*

*Sou eu, sendo sincero e sónico
A noite sempre dança o mesmo ritmo
E como este luar legítimo
Estou imóvel, incrédulo, insatisfeito
Jamais imaginei um final perfeito*

Apenas que Maria repousasse em meu peito

Essa realidade que minha mente orchestra

É a mesma que meu coração despreza

Não há em minha totalidade sintonia

Apenas a humanidade crua e fria

Maldita e bela na razão da inércia

Escrava perene de uma insaciável tragédia

Dualidade

*Meu lado poético
Deveras patético
Por vezes tão cético
Num dilema ético
Se finda, se firma
Se torna agonia
Na pele e na rima
Escreve/escreve
Se suicida/asassasina!
Se negue, se fere
A dor é poesia ?*

*Odeie,odeie
O ódio semei
Grita a voz
Do lúdico algoz
Da mente atroz
Que orquestra
Manifesta
Ideais
E despreza
Com pressa e desdém
Às idéias que têm*

*Contradição ?
Tradução
Contraste!
Que encontra
A arte
E tenta decifra-la
Indo contra
A contra-parte
Que encontra*

*A arte
E tenta ignora-la*

*Ah o poeta!
Põe-se por
Trás de portas
E por tais
Portas
Mentais
Se isola
Numa idéia tola
De contentar-se
Com sobras!*

*Interna
Eterna
Nunca se encerra
Às vezes enterra
Esconde nas trevas
Mas sempre o encontra!
É sua realidade
Fato e verdade
Que agora o confronta!*

*É a dualidade
Dúbia sanidade
Sentida ou escrita
Lida ou sentida ?
Dúbia poesia
Sempre distinta
E mesmo não lida
É sempre sentida
Como minha Maria!*

Todo dia a mesma rima

Todo dia

Escrevo para Maria

Clichês de poesia

Porquê sempre em agonia

Está meu coração e alma aflita

Têm sido um beco sem saída

Apenas suicídio e poesia

Como um caos em harmonia

Minha mente é infinita

Infinitamente maria rita

Pensei na mesma rima

Em toda verso a mesma sina

No universo predomina

Maria, a única ideogia!

Todo dia

Para Maria tenho escrito

Do meu coração maldito

O que mais parece um grito

De dor e afiliação!

Mas é apenas meu coração

Esquecido na imensidão

Sentindo falta e faltando

Às vezes para, me torturando!

Mas nunca é permanente

Queria que parasse para sempre!

Queria parar de escrever lamentos

Que Maria deixasse meus pensamentos

E durasse apenas um momento!

Serei eu louco ?

Ou um sonho ?

Poeta ou demônio ?

O tempo é breve e duradouro
E me deixa em prantos !
Meu tormento é estranho
Me dói e não irrita
É belo como Rita
Mas frio e solitário
Me parece destinado
A estar sempre ao meu lado
Como sombra e pecado
Este soneto eu rasgo
Pois de fato é um fardo!

A noite a beira da eternidade

*Toda noite eu rezo
Para que no final do verso
Me falte amor e tinta
E nenhuma palavra escrita
Seja para maria rita*

*Toda noite os sonhos desprezo
E para Deus eu peço
Para que no final de cada verso
Seja apenas sobre mentiras
E se preciso que me falte rimas*

*Toda noite me visitam
Memórias que sempre ressuscitam
No mesmo e único pensar
A dor que eu nunca quis guardar
Eu lembro e me castigam!*

*Com a solidão converso
Sobre a podridão do universo
E no final de cada conversa
A melancolia em mim desperta
E assim a noite encerra!*

Um lugar em silêncio

"Adeus solidão" gostaria de dizer
A mente refém do triste entardecer
Pensamentos suicidas a se empilhar
Viver na escuridão eterna de algum lugar
Num silêncio absoluto e pacífico
Longe das incertezas do destino
Somente a imensidão do meu pensar

A Deus á imensidão do eterno amanhecer
A luz que meus olhos já não conseguem crer
Um alívio para almas despedaçadas
Perdidas no céu sereno das madrugadas
O céu sereno em que só minha alma fica
Sutilmente em desespero ela grita
Porquê já não pode acompanhar as outras almas

Ao meu coração, cicatrizes sem porquê?!
A mim a negação e continuo sem entender
Talvez meu inferno seja "ausência"
Um sofrimento único para minha existência
"Adeus Maria" essas palavras estão erradas!
A onde meu inútil coração estava ?
Quando inconsciente, destruí minha alma

Quando inocente, o amor desarma
E assim lentamente se formam as chagas
Algum anjo toma as dores para si ?
Às minhas estão somente para mim
Pergunto-me a que anjo eu feri ?
"Adeus Maria" e nunca mais eu senti
Que sorriria ou seria feliz
Porquê Maria eu nunca a esqueci!

*"Adeus solidão" queria falar
Porquê minha alma pertence a outro lugar
E continua gritando sem nunca se render
Aceitando o fato do inevitável anoitecer
Mas nunca escurecendo junto
Pois nem toda a dor do mundo
Vence a convicção brutal do orgulho.*

A beleza de tudo

*Um verso escrito não recitado
Como um grito silenciado
Morre se contorcendo
Um homem maldito apaixonado
Como um servo do diabo
Não sente a vida escurecendo*

*O amor infinito e jurado
É um monstro vil e insaciável
Que esta sempre acontecendo
O beijo doce e desejado
Condena o coração já condenado
Que não sente o seu veneno*

*A face sublime jamais beijada
Encanta toda pobre alma
Que se perde no momento
O seu olhar é como arma
Nunca erra e sempre mata
E eu já estou morrendo !*

*Maria Rita, minha amada
Me inspira e me desarma
E me deixa em sofrimento
Este é meu único carma
A dor que meu coração guarda
E nunca cederá ao tempo!*

Eis me aqui...

*Eis me aqui relutante e ferido
Uma alma, uma arma, um homem ainda vivo
Contemplando minha efêmera existência
Do átomo ao cosmo, a máxima potência
Defronto-me diante da minha insignificância
Desprezando então a filosófica vingança*

*Eu caminho a passos duvidosos
Contestando sozinho todos os filósofos
O "e se" é um questionamento enfadonho
A consciência vazia é o abrigo do demônio
A mente adoce o corpo com pensamentos excessivos
O homem que está morto, não carência de motivos*

*Tempo, Temo, morte, amor
Infinitas variações que resultam em dor
Ainda tenho em mim, uma dualidade intrínseca
Das efêmeras decisões às questões metafísicas
Eu carêncio de um porquê desde a infância
Pois reside em minha alma apenas solidão e relutância*

*Solitário e relutante, algo sempre se perdia
Entre quedas e feridas, um mártir em agonia
A crueldade dos fatos me faz questionar
Por quê há uma necessidade de se sacrificar ?
Por quê Maria apenas por existir me fere
Por quê o amor não cicatriza na pele ?*

*Porquê há uma necessidade de proteger
A razão que me faz desejar morrer ?!
Por quê me dói e não me desperta ódio ?
Por quê faz parecer o mundo tão simplório ?!
A noite sempre obriga minha mão a escrever*

Porquê tudo sempre leva a você...

Para Maria Rita, minha dor adorada.

11/08/24

O que se faz querer sempre

*Queria que estivesse comigo
Sempre o mais perto possível
Para curar-me a tristeza
A solidão têm sido a mesma
Querer você aqui é ser egoísta
Mas me salva da doutrina pessimista*

*Lembrar de você me salva de mim
Evita que eu planeje meu fim
Mas tudo têm um ponto fraco
A noite o silêncio têm sido amargo
Sinto que Deus tem sido ausente
Ou seria a imundície do meu subconsciente ?!*

*Meus olhos se negam a vê o universo
Clamam por sua imagem, num clamor eterno
Meu corpo está padecendo no abandono
Tenho sentido vazio, fome e sono
Queria então ler suas palavras
Para sobreviver de literais migalhas*

*Uma vez mais sentir o toque de suas mãos
Mesmo que o breve "tocar" parecesse em vão
Seria suficiente para minha vida
Me daria sentido, razão e rima
Sigo a tristes passos um mesmo destino
Estando incompleto e completamente sozinho*

*Que estes versos um dia possa ler
Até a última vez que eu escrever
Todo verso e palavra escrita
Meu universo, mundo e poesia
Minha paz, inferno e agonia*

Será sempre você, Maria Rita!

A angústia de estar vivo

*Entre o para sempre e o nunca mais
Das constantes oscilações memoriais
Até às idealizações mais fantásticas
Em todas às noites, em doses homeopáticas
A tristeza me fazia companhia
Tão sincera, verdadeira e fria
Ela me lembrava constantemente de maria*

*Entre a verdade e o que eu gostaria que fosse
Há um universo inteiro solitário e podre
Há um Deus absoluto que não posso contestar
E um futuro inevitável que não posso mudar
Eu escrevo por amor e sem razão
Eu me perco em poesia e solidão
Clamando por maria e por perdão*

*Entre a lucidez e sonhos miseráveis
Tenho acordado em dias intermináveis
Sentindo a aflição de cada lento instante
O tempo têm sido cruelmente torturante
Sem maria, sem vida, sem sentido
A angústia envelhece como vinho
Em infindáveis versos ainda existo!*

*Entre a perfeição de antes e o agora
Morre o soneto noturno a luz da Aurora
Ainda sim, ficam os tormentos imortais
Os lamentos etéreos de meus ancestrais
Minha herança hereditária sombria
Que em reencarnações passadas me seguia
Sinto que sempre busquei maria!*

A tirania dos versos

O verso escrito que fere
Do coração maldito que escreve
Não é belo nem lido
Para olhos atentos é lixo
Uma aberração de palavras cuspidas
Um filho de noites mal dormidas

O verso escrito sem vontade
Denúncia a única verdade
Que não há um arrependimento
Tudo está rendido ao silêncio
E o homem ? Ah este covarde perene
Que por prazer e paz se vende

Há de recitar no inferno poemas infinitos
O monólogo eterno silenciará seus gritos
A mercê de vis pensamentos vivos
Nem sua sombra deixará vestígios
Há versos que nunca são lidos
Mas por alguma razão são escritos

O homem que rima, chora e delira
Mas o poeta eternamente se inspira
Pois o verso escrito é sempre recitado
Ele nasce no "declamar " de cada lábio
E assim reside nas páginas por milênios
Se alimentando de amores efêmeros

Reina a tirania absoluta do vazio
Na sombra de seu coração servil
Restam restos rostos e suicídio
Declamando agora em suplício
Há um homem entre o papel e o precipício

O verso se torna seu refúgio e vício!

A consciência á deriva no cosmos

*Como o fantasma que vaga sem existir
Estou numa multidão absolutamente sozinho
Buscando a dor ao caminhar sobre espinhos
Meu "amor acontece" sem o prazer de sentir
Como a solidão que faz companhia para todos
A minha existência carece de atenção e afeto
Sinto em cada átomo a solidão do universo
Como às cinzas que são levadas do fogo
Alguma ventania me levou para longe
Ouço um eco de adeus do longínquo horizonte
Ouço minha alma se despedir do meu corpo
Como sonhos que morrem ao acordar
Abrir os olhos para o agora foi cruel
Aquela estrela solitária no sombrio céu
Lembra a consciência de algum lugar...*

Então houve luz

*O poeta escrevia eternidades
Recitando todas as verdades
Entre milagres e enfermidades
Começa um verso..*

*O verso que era universo
Imenso e na imensidão imerso
Massasivo, Infinito, intenso
Um lar para tudo*

*Mas uma rima era futuro
Havia um podre fruto
Um anjo de coração escuro
Disse então "Discordo"*

*No centro do cosmos
A força brutal do ódio
De um ser execrável e sórdido
Se expandia para o eterno*

*Na última hora negra
A violenta natureza
Encharcada de sangue e aspereza
Se revela um mal etéreo*

*Eis a primeira das guerras
A única acima das terras
Do céu ao exílio das trevas
Alguns caíram para o inferno*

Epitáfio

*Busco refúgio no papel porquê tenho solidão
Sou grato ao coveiro que enterrar meu caixão
Aos pensamentos que roubaram-me o Silêncio
Aos contratempos que negaram-me o tempo
A escuridão que me tinha como um filho
A arma que me presenteou com seu único Tiro
A minha angústia, comigo nas horas todas
Ao desprezo que acenava dos olhares e bocas
Ao mundo de mentiras rudemente perfeito
Às lágrimas caídas no chão que nunca estava seco
Aos desenhos que se mostravam apenas para mim
Aos minutos de dor que nunca tiveram fim
A criança que milagrosamente sorria
Em meio a infância brutal e sombria
Ao meu algoz que não me deixará estar sozinho
A voz imaginária que mostrava o caminho
Aos sonhos que me cederam o prazer onírico
Ao sol gentil que nunca me negou seu brilho*

Obrigado!

Fé e martírio

*Até onde o coração suporta
Guardar um amor de natureza morta
Que já não mais cativa ou conforta
Por quê e como a dor se forma ?
Se é que tal explicação importa
O adeus destrói e o mundo ignora*

*Até onde os pés caminham
Para encontrar o escasso alívio ?
Há na alma uma fé incrível
A crença que castiga o corpo vivo
Que no fim do horizonte o amor prometido
Cessará o sofrimento quando for servido*

*Há uma linha tênue entre fé e martírio
Há um homem confundindo solidão e exílio
O amor destrói quando parece invencível
Se torna incurável quando fica invisível
Ao revelar seu lado oculto desprezível
Olhos entendem que foi sempre maldito*

*Amar uma única vez é tarde demais
O poeta em versos melancólicos se esvai
O leitor em devaneios filosóficos se trai
E assim se revelam os algozes anônimos
Deturpações neurais, alucinações, demônios
Quaisquer termos para destruição absoluta dos ânimos.*

Velho amigo

*Adeus meu amigo
Aqui nos despedimos
Entre quedas, sonhos e sorrisos
Uma bela infância dividimos
Acreditamos no auge do egoísmo
Que para sempre viveríamos*

*Adeus meu amigo
Hoje trilho um caminho antigo
Este que antes trilhei contigo
Hoje é um sentimento ambíguo
Como céu chuvoso, me sinto frio
A saudade tem sinto um pouco hostil*

*Adeus meu amigo
Ou seria um até breve ?
O dia parece infinito
Sinto o tempo pairar sob a pele
E antes que meu tempo encerre
Sorrir agora também serve*

*Adeus meu amigo
A mente se fragmenta a cada instante
Acho que já me despedi antes
Mais uma vez eu sinto
Que já trilhei este caminho
Mas não trilhei ele sozinho...*

A sombra de tudo

*A felicidade é uma droga servida
Que trai a ansiosa carne viva
Como os lábios de uma meretriz promíscua
Prometendo um belo amor sem vida
O sorriso nunca cicatriza
Mas de fato é uma ferida*

*O amor é uma promessa falsa
Um breve alívio para alma
Um caminho certo para desgraça
Harmônico e ritmado como valsa
Um demônio que encanta e embriaga
O amor promete, cumpre e mata*

*A verdade é sempre tímida
É uma sutil brutalidade sônica
Às vezes ausente para ser sentida
Aparecendo de repente fria
Matando cada esperança viva
A verdade é timidamente nociva*

*A finalidade de tudo está nas trevas
Há verdade somente nas guerras
E diante de incontáveis eras
O homem foge de tais mazelas
Através da fonte de ilusões etéreas
No amor, na poesia e outras misérias*

Agonia de quem escreve

*Como cigarro e álcool poesia mata
Eis aqui, palavras de um cardíaco
Das influências efêmeras do zodíaco
Escreve minha caneta, de versos, já farta*

*Eis aqui, um vício sem cura
Às lágrimas distorcem as letras
Como o dia ofusca às estrelas
Deixando minha consciência às escuras*

*O que é um poeta ? Senão um mentiroso ?!
Na imensidão das palavras, um cretino
Que trai os sentidos do que é dito
Seu eterno ofício, vulgarmente generoso*

*Suas mentiras são belas e viciantes
Todos se perdem em longos monólogos
Corações solitários, assassinos, filósofos
O último verso está escrito em sangue*

*Às palavras estão perdidas e abandonadas
Agora vejo que são apenas palavras
A sanidade têm sido uma virtude distante.*